

CHOQUE DE TITÃS: A PERSPECTIVA EUROPEIA DE INVESTIGAÇÃO EM PSICANÁLISE

(2010)

Tatiana A. Santos

Psicóloga Clínica. Doutoranda em Psicanálise.

Email:

tatiana.a.santos@clix.pt

RESUMO

Desde as suas fundações que a Psicanálise tem colocado frente a frente opiniões, críticas, posturas e perspectivas diversas. A integração da Psicanálise no sistema de saúde e o peso das seguradoras na comparticipação de tratamentos têm forçado a Psicanálise a desenvolver tratamentos mais curtos para reduzir custos. Também a necessidade de medir a eficácia da intervenção, de acordo com modelos quantitativos (modelos dominantes nas instituições de saúde) tem levantado algumas questões junto do método Psicanalítico e relativamente à investigação feita nesta área. Este resumo pretende apresentar as duas correntes de investigação criadas no seio da Psicanálise, desenvolvendo e defendendo a vertente Europeia já que é a que se encontra mais próxima da metapsicologia Freudiana.

Palavras-chave: Psicanálise, investigação, metapsicologia, Jungtin, IPA

INTRODUÇÃO

“Um psicanalista muito conceituado exclamou uma vez, após ter ouvido uma sessão psicanalítica em gravação áudio: «uma coisa que vos posso dizer é que seja lá o que isto for, não é análise com certeza!»”

(Kernberg, 2008)

Desde as suas fundações que a Psicanálise tem colocado frente a frente opiniões, críticas, posturas e perspectivas diversas. Segundo McAloon (1992, citado por Santos Neves, 2008) a integração da Psicanálise no sistema de saúde e o peso das seguradoras na comparticipação de tratamentos têm forçado a Psicanálise a desenvolver tratamentos mais curtos para reduzir custos. Também a necessidade de medir a eficácia da intervenção, de acordo com modelos quantitativos (modelos dominantes nas instituições de saúde) tem levantado algumas questões junto do método Psicanalítico e relativamente à investigação feita nesta área. Instituições como a Fundação para a Ciência e Tecnologia (responsável por grande parte da atribuição de bolsas de investigação em Portugal) é disso exemplo. Os prazos curtos, a exequibilidade e a apresentação de resultados e relatórios é condição essencial, senão obrigatória, para que se faça investigação no nosso país. A Psicanálise e o seu método, por norma, não se enquadram nestes parâmetros tradicionais de ciência.

Mas isso faz com que não se possa fazer investigação em Psicanálise? Será a investigação Psicanalítica menos fidedigna que o tradicional modelo logico-racionalista vigente? Em que modelo se deve então basear a investigação nesta área? Todas estas questões são de extrema pertinência quando se pretende realizar um programa doutoral numa área controversa e fascinante como a Psicanálise. Durante o Séc. XX, os padrões tradicionais e os critérios logico-racionalistas têm sido colocados em causa.

Os duelos entre modelos Psicanalíticos de investigação

Segundo Santos Neves (2008) houve um reacendimento das controvérsias dentro da área Psicanalítica. Para Widlocher (2003, citado por Santos Neves, 2008) a Conferência Internacional de Frankfurt em 2002 sobre a investigação e a criação de dois sub-comités de investigação na IPA, são prova disso. Botella & Botella (2001) esboçam um retrato dessas duas forças investigativas que duelam no interior da Psicanálise. Por um lado, uma corrente que defende uma pesquisa apoiada no modelo próprio das ciências na Natureza. As ditas ciências duras. Este modelo remete-nos para critérios como repetibilidade, verificação, previsibilidade, quantificação, etc. Este método segue a tradição da pesquisa objectiva e quantitativa. O seu método defende um compromisso entre o método Psicanalítico e a Investigação Experimental, havendo a obrigatoriedade de validação de acordo com os standards tradicionais (Steiner, 2000, citado por Santos Neves, 2008). Esta perspectiva considera a Psicanálise como “objecto” de pesquisa, daí que o seu método e o conhecimento empírico produzido sejam submetidos a confirmação experimental. Quando falamos do modelo Anglo-Americano de Investigação em Psicanálise, falamos de um modelo que recorre a meios técnicos para recolha de material clínico (transcrições, vídeo, etc.) e que defende como base o empirismo directo de forma a que seja possível a previsibilidade, a operacionalização de variáveis, a experimentação, etc. (Widlocher,

2003, citado por Santos Neves, 2008). Trata-se de um método de investigação baseado no modelo logico-racionalista de ciência (Santos Neves, 2008).

Do outro lado reside uma corrente – irreduzível como a aldeia Gaulesa de Asterix – que ainda procura defender uma disciplina Psicanalítica efectivamente específica (Botella & Botella, 2001). Debruça-se sobre uma pesquisa conceptual, clínica, epistemológica e histórica. Defende assim uma linha próxima da visão clínica e metapsicológica de Freud. Está relacionada com o grupo independente Britânico, Kleiniano e pós Kleiniano, escolas Lacanianas, etc. A sua posição é, certamente, mais ortodoxa pois esta corrente vê o modelo experimental como inadequado para o estudo do fenómeno Psicanalítico (Steiner, 2000, citado por Santos Neves, 2008). Dedicase ao estudo de caso ou à análise relatada pelo analista e considera a Psicanálise não como “objecto” mas como “instrumento” de pesquisa sendo o seu método (analítico) ferramenta do conhecimento e descoberta (Widlocher, 2003 citado por Santos Nunes, 2008).

A Psicanálise enquanto instrumento de Pesquisa

Widlocher (2001) é claro ao propor que, inicialmente, seja importante clarificar se falamos da Psicanálise enquanto instrumento de pesquisa ou enquanto objecto da mesma. Quando percebemos a Psicanálise enquanto instrumento – e é nesse campo que surgem todas as dúvidas e controvérsias – não podemos entender o método analítico como uma técnica que apenas procura debruçar-se sobre a individualidade de caso já que o método Freudiano é sim um instrumento de conhecimento. Assim, apesar de guiar a prática individual, procura também fundamentar uma teoria geral do psiquismo utilizando a cura em parceria com a pesquisa (Widlocher, 2001).

Efectivamente, as técnicas usadas nada ou pouco terão em comum com as das ciências “ditas” naturais e vigentes na nossa sociedade. No entanto, Widlocher (2001) defende que a cientificidade do modelo analítico insere-se sim num quadro de ciências contemporâneas – as práticas sociais como a política, economia ou pedagogia. Desta forma a Psicanálise, tal como as outras ciências da acção e da intersubjectividade, é uma “ciência a posteriori, uma pesquisa conceptual construída sobre o modelo de dados empíricos observados no campo das práticas concretas” (Widlocher, 2001, p. 55).

Quando falamos de Psicanálise, não falamos de uma ciência experimental tal como é classicamente definida. Isto porque o objecto de estudo é o inconsciente. Não sendo um objecto exterior, verificável, quantificável e mensurável, a Psicanálise nunca poderia apresentar-se como ciência formal tal como a matemática já que a demonstração nem sequer lhe pode ser aplicada (Botella & Botella, 2001, p. 425). Assim, cura e investigação estão unidas e são inseparáveis. A citação seguinte remete para a perspectiva de Botella & Botella (2001) relativamente ao papel do investigador e da relação entre clínica e pesquisa:

“No domínio do conhecimento em Psicanálise, a teoria e a prática, o pensamento e o psiquismo do analista, fazem parte do objecto de estudo, a disciplina e a pesquisa repartem entre si os mesmos dados, os mesmos princípios” (Botella & Botella, 2001, p. 245)

Desta forma, e já que a Psicanálise pode então ser compreendida como um “procedimento de investigação”, a sessão analítica já constitui – em si – pesquisa (Botella & Botella, 2001). Mas então, o que fazer à subjectividade do analista/investigador, tão veementemente rejeitada pelas ciências Naturais? Para Leuzinger-Bohleber & Fischmann (2006) este uso bem sucedido da subjectividade depende, simultaneamente do profissionalismo do analista e do cuidado e empenho da sua auto-reflexão crítica como fonte da tão procurada “atitude científica”. Esta é, pois, uma das razões que leva os psicanalistas a procurar supervisão intensa. É necessário saber olhar para outras formas de fazer investigação.

Green (2005) afirma que existe mesmo mais preocupação com essa dita ciência e com as investigações quantitativas do que com a busca dos subtís e, por vezes, contraditórios meandros do processo analítico. Segundo Freud (citado por Dreher, 2000, citado por Santos Neves, 2008) o facto da Psicanálise ser metapsicologia supunha já uma teoria baseada na prática clínica. Assim, nas próprias origens da Psicanálise, residia a ideia Freudiana de que o analista não ajuda apenas mas também faz investigação (Freud, 1927, citado por Santos Neves, 2008). O termo “Junktin” utilizado por Freud e traduzido por Strachey como “ligação” é ainda traduzido por Dreher (2000, citado por Santos Neves, 2008) como algo que, inevitavelmente, tem de estar junto para não desmoronar. Green (2000, citado por Santos Neves, 2008) realça ainda a importância de preservar mesmo o método Psicanalítico na pesquisa para garantir que o material irá emergir e ser clarificado. A análise apenas funciona com base na reconstrução.

Kernberg (2008) é mais um dos autores que surge na defesa deste modelo Europeu, próximo da metapsicologia Freudiana. Segundo o autor, os estudos de Bion, Green, Laplanche, Libermann, Loewald, Schafer ou Winnicott são muito mais estimulantes para a Psicanálise do que as descobertas levadas a cabo pelos investigadores empíricos. Kernberg (2008) vai mais longe ao afirmar que os sistemas de saúde da psiquiatria e da psicologia clínica são mesmo ameaças sociais à Psicanálise. Deste modo, as sanções económicas e as abordagens que fazem reduções qualidade-preço diminuindo também os recursos para a saúde mental, ameaçam a Psicanálise uma vez que esta é um método de tratamento a longo prazo.

Muitos outros argumentos surgem em favor desta perspectiva. Um deles (Santos Nunes, 2008) é o facto de um comportamento ou acontecimento psíquico poder ser uma expressão de vários processos e conteúdos. Isto pode acontecer na mesma pessoa, em diferentes pessoas ou até na mesma pessoa em diferentes momentos. Os estudos naturais e quantificadores não permitem compreender esses fenómenos contudo, a teoria analítica torna possível clarificar a relação entre conteúdo manifesto e estados psicológicos. Só na sessão e na relação estes fenómenos podem ser compreendidos. Por outro lado, a introdução de um terceiro elemento na recolha ou análise de

dados clínicos resultantes de sessão psicanalítica (sugerido pela corrente logico-racionalista ou Anglo-Americana) poderá alterar todo o processos analítico ao nível da transferência e contratransferência, já para não falar de questões éticas como a confidencialidade que é responsável por assegurar a associação livre e a liberdade do processo (Santos Nunes, 2008).

Caminhos para a convergência ou cada um por si?

Wallerstein, durante a sua presidência da IPA expressou por duas vezes (1988 e 1990) a ideia de que existiria uma base comum na Psicanálise. Por detrás de todas as divergências era importante que a Psicanálise se focasse naquilo que conduzia à união. Green (2005) respondeu a estas comunicações chamando-as de actos políticos. Para Green, estas palavras não retratavam forçosamente a realidade mas eram palavras diplomáticas que Wallerstein, como presidente, teria de dizer tal como um pai procura unir a sua prole. Seria então uma manobra bem intencionada. Green não vê a união destes dois polos como possível. Kernberg (2008), por sua vez, compreende a divisão política existente entre investigadores empíricos e teóricos na Psicanálise como causa para danos na área. Na sua opinião, devem dar-se oportunidades aos interessados na pesquisa conceptual e qualitativa e aos investigadores empíricos ou quantitativos.

O caminho é longo mas o facto é que não existe uma e única forma de fazer ciência. Vários são os caminhos e a mente humana é bem mais rica e complexa do que uma escala de Likert, do que uma gravação vídeo ou do que uma sistematização de comportamentos. É preciso abrir janelas de oportunidades para uma investigação que utilize a Psicanálise e o método analítico como “instrumento” privilegiado de investigação. Para curar, é preciso saber. Numa palavra: “Junktin”.

Referências Bibliográficas

Botella, C. & Botella, S. (2001) De la recherche en psychanalyse. In Green, A. (Ed.) *Revue Française de Psychanalyse: courants de la psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF. pp. 355-372.

Green, A. (2005) The illusion of common ground and mythical pluralism. In *International Journal of Psychoanalysis*, 86, pp: 627-632.

Kernberg, O. (2008) Resistências à investigação na psicanálise In *Controvérsias contemporâneas acerca da teoria, prática e aplicação psicanalíticas*. Lisboa: Climepsi, pp. 103-110.

Leuzinger-Bohleber, M. & Fischmann, T. (2006) What is conceptual research in psychoanalysis? In *International Journal of Psychoanalysis*, 87, pp. 1355-86.

Santos Neves, T. (2008) Research in psychoanalysis: an area of controversy. In *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 28(2), pp. 33-59.

Widlocher, D. (2001) La place de la recherche clinique en psychanalyse. In Green, A. (Ed.) *Revue Française de Psychanalyse: courants de la psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF. pp: 37-48.